

“A CAIXA DO DIABO”: REPRESENTAÇÕES CONSTRUIDAS PELA ASSEMBLEIA DE DEUS DE SALVADOR (1960-2000)

Lucas Gomes Santana

Graduado em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

E-mail: lgsantana@ymail.com

Palavras-chave: Protestantismo. Televisão. Pentecostalismo. Assembleia de Deus.

Introdução

Analisando as Reformas do século XVI veremos que os protestantismos têm uma íntima relação com a introdução de técnicas de comunicação escrita transformando uma religiosidade hegemonicamente oral da Igreja Romana em uma religiosidade onde a cultura escrita tem extrema importância.

O advento da imprensa explica, em grande parte, o sucesso da Reforma protestante. Seria impensável o sucesso protestante sem a imprensa. (...) O apego dos protestantes à Bíblia, aos seus livros de confissão de fé e aos catecismos fez desse ramo do Cristianismo a “religião do livro” (CAMPOS, 2008, p. 7).

No longo caminho percorrido pelo protestantismo desde o continente europeu até o Brasil as relações com as técnicas de comunicação transformaram-se, em muito, no bojo dos processos de mudança das tecnologias da comunicação do meio secular. Nota-se uma tendência de mais fácil aceitação de novas tecnologias pelos protestantes, se comparados aos católicos.

Seguindo essa tendência, em busca de aumentar a eficácia de suas atividades proselitistas, as igrejas pentecostais merecem papel de destaque no que diz respeito ao uso de tecnologias da comunicação. Dentre essas, enfatizo aqui as Assembleias de Deus no Brasil, uma das precursoras do pentecostalismo no campo religioso brasileiro.

O movimento pentecostal tem referência ao dia de Pentecostes, festa de tradição judaica que celebrava a colheita, mais especificamente a festa descrita em Atos 2 onde após a descida do Espírito Santo os presentes “*começaram a falar noutras línguas*” (ATOS 2:4). O pentecostalismo moderno se inicia no início do século XX nos EUA no avivamento da rua

Azusa, na cidade de Los Angeles, Estado da Califórnia. As principais distinções entre o protestantismo de imigração¹, o de missão² e o pentecostalismo é a ação do Espírito Santo, através da glossolalia (falar em línguas “estranhas”), a crença nos dons espirituais (dom de profecia, dom de clarividência, dom de cura), os exorcismos e uma liturgia onde é preconizada a emoção.

A história da Assembleia de Deus no Brasil, primeira igreja pentecostal a instalar-se no país, tem sua gênese na cidade de Belém, capital do Estado do Pará, no ano de 1911. Foi fundada pelos missionários suecos Gunnar Adolf Vingren e Daniel Högberg, inicialmente com o nome de “Missão da Fé Apostólica”. Os missionários que foram recebidos e instalados pela Igreja Batista de Belém do Pará, teriam se desentendido após conflitos doutrinários com a liderança dos batistas. Gunnar e Berg, como Högberg era chamado, eram convertidos ao movimento pentecostal.

Ainda no início do século XX chega a Belém, o missionário Otto Nelson, que expandiria as fronteiras de atuação da Assembleia para solo baiano. A cidade de Salvador, por ser considerada desde o Império como a capital religiosa do país (SILVA, 2000, p. 22), atraiu grande número de protestantes animados com a possibilidade de expandir seu trabalho missionário após o decreto de liberdade religiosa e instauração do estado laico.

Inicialmente estabelecidos no interior, onde fundaram congregações, os missionários assembleianos vieram para capital constituindo ponto de pregação em sua própria habitação, na Rua Carlos Gomes, em maio de 1930. A partir dali e com o crescimento dos trabalhos fixaram-se à Rua dos Capitães, depois na Baixa dos Sapateiros e posteriormente no prédio histórico da Igreja na Ladeira do Boqueirão, onde foi realizada a primeira reunião da Convenção Estadual das Assembleias de Deus do Estado da Bahia.

Digesto

O proselitismo protestante tem justificado, mesmo nas igrejas e denominações mais tradicionais, o uso e aceitação de novos aparatos comunicativos. Dentre estas destaco aqui o papel da televisão e a receptividade da Assembleia de Deus. Como este processo de

¹ Denominações fundadas com intuito de dar assistência espiritual a imigrantes que aqui chegaram. A exemplo dos luteranos.

² Tipo de protestantismo onde as igrejas fundadas no país eram frutos da obra de missionários estrangeiros apoiados por Igrejas e Sociedades Bíblica do estrangeiro. A exemplo da Igreja Presbiteriana de 1859, fundada no Rio de Janeiro a partir do missionário yankee Ashbeel Green Simonton, e a Igreja Batista de 1882, fundada em Salvador do labor missionário de Willian Bagby e Zacharias Taylor.

construção da representação acontece, como se dão as apropriações e práticas³ dela decorrentes na Assembleia de Deus de Salvador são as questões centrais desta proposta de trabalho.

Seguindo a periodização cunhada por Sérgio Mattos (2002, p. 78-79) para o estudo da televisão brasileira, existem seis fases:

- A primeira, fase elitista (1950-1964) marcada pelo imprevisto na confecção dos programas e o acesso limitado aos mais abastados. É o período da introdução da televisão no Brasil que acontece na década de 50 quando Assis Chateaubriand funda a TV Tupi, primeira emissora de televisão do país;
- A segunda, fase populista (1964-1975) em meio à cultura do nacional desenvolvimentismo, é marcada por interferências do estado militar, início das transmissões da Rede Globo de Televisão e criação da EMBRATEL, Empresa Brasileira de Telecomunicações;
- A terceira, fase do desenvolvimento Tecnológico (1975-1985) momento em que o mercado caminha para um oligopólio sob hegemonia da Rede Globo e a produção nacional, tecnicamente mais madura, começa a exportar;
- A quarta, fase de Transição (1985-1990) o setor tem maior expansão internacional;
- A quinta, fase da modernização e da TV paga (1995 – 2000) quando os canais por assinatura têm considerável crescimento e há uma busca por modernização;
- A sexta, fase da convergência e da TV digital (2000 – em curso) há uma expectativa que com a introdução da tecnologia da TV digital a interatividade possa-se ampliar e os oligopólios sejam fragilizados;

Apesar da introdução dos aparelhos de televisão na década de 50, não foram encontradas atas na Convenção Geral sobre a utilização do aparelho neste decênio. Talvez isso se deva ao parco mercado ainda em voga durante a primeira fase, onde o alto custo do aparelho de televisão fazia deste um privilégio das camadas endinheiradas.

Mas já durante a segunda fase, a populista, o número de aparelhos demonstra um crescimento vertiginoso, de 200 aparelhos no ano de estréia em 1950 a 3 276 000 aparelhos em 1968 (MATTOS, 2002, p. 83). Provavelmente é devido a este crescimento que na

³ Ao entendimento deste trabalho é essencial a utilização dos conceitos da História Cultural proposto por Roger Chartier, como o de representação, pensado como percepções do real produzidas “*contraditoriamente pelos diferentes grupos*” (CHARTIER, 1988, p. 23) segundo seus interesses com o intuito de legitimação.

Convenção de 1968 o assunto fosse levado ao plenário, ante a “novidade” que chegava aos lares dos desafortunados fiéis da Assembleia de Deus.

As discussões sobre a posição das Assembleias de Deus no Brasil perante a televisão vão iniciar-se na Convenção Geral de 1968 e serão suscitadas em todas as reuniões até a aprovação da Resolução de Santo André no Conclave de 1975.

Ao findar a sessão do dia 27 de novembro de 1968, o Pr. Moreira da Costa iria levantar assunto, até então, adormecido nas atas da CGADB - Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, com o seguinte questionamento: “É lícito ao crente possuir televisão em sua casa?” (DANIEL, 2004, p. 397).

O tema inspirava cautela, ao ponto de nos trabalhos do dia seguinte, 28 de novembro, não ter sido abordado, voltando a manifestar-se somente no dia 29 após imprecisão do Pr. Francisco Miranda, apoiado por Anselmo Silvestre, que apelou a seriedade do assunto. Aparentemente o plenário aguardava com certo interesse contido, devido à forma como respondeu a interferência. Segundo o 2º secretário e redator da ata da reunião “o assunto foi recebido com certo entusiasmo pelo plenário, que vibrava de alegria” (DANIEL, 2004, p. 397). Várias falas e testemunhos pessoais atestando os prejuízos ao uso da televisão foram relatados, como a do Pr. Francisco Assis Gomes que fez alusão ao uso da TV “ao efeito da má língua, que contamina o corpo, inflama o curso da natureza e está cheio de peçonha mortal” (DANIEL, 2004, p. 398).

De outro lado a manifestação de alguns poucos que se referiram ao perigo de atitudes drásticas sobre o tema. Sendo votado e aprovado a resolução que viria a ser publicada no Mensageiro da Paz de 1969.

Considerando os efeitos maléficos que os programas de televisão têm causado à comunidade evangélica, principalmente à família, a Convenção Geral resolveu aprovar a seguinte proposta:

- 1) Os pastores e evangelistas das Assembleias de Deus no Brasil não devem usar aparelhos televisores;
 - 2) Os que já o possuem, devem desfazer-se deles até a próxima Convenção.
 - 3) Os obreiros devem recomendar às igrejas que se abstenham do uso de televisores;
 - 4) Que os que possuem desfaçam-se dos mesmos a fim de evitar a suspensão
- (DANIEL, 2004, p. 399).

Já no encontro de 1973, o Concílio cede espaço para o relator da comissão designada, na Convenção de 1971, para estudar e elaborar parecer sobre o uso da televisão. Apesar de não ter tido acesso ao documento final, através dos comentários fica fácil perceber que este se pronunciara desfavorável.

A tônica dos discursos seguiu a linha do Pr. Atháide Rodrigues Lima que “verberou fortemente contra aqueles que, possuindo um aparelho de TV, trazem o próprio cinema e o demônio para dentro de casa” (DANIEL, 2004, p. 423).

Em oposição ao coro avesso à televisão, o Pr. João de Oliveira Carneiro relembra uma porfia semelhante, “com o rádio já aconteceu igual oposição no passado” (DANIEL, 2004, p. 423) que teve o clímax na Convenção de 1937, sendo inicialmente proibido o uso do rádio, posteriormente retroagindo e utilizando este meio como instrumento oficial de evangelismo. Esta observação aumentou os ânimos do plenário, principalmente do Pr. Leivas Macalão, da linha conservadora, que na ocasião fora presidente da convenção e principal opositor ao uso do rádio.

Sob esta animosidade foi decidido, por maioria absoluta dos votos: ratificar a proibição ao uso da TV, criar uma comissão responsável por avaliar a situação dos que possuem o aparelho e publicar estas resoluções no Mensageiro da Paz. No dia seguinte a proposta de publicação foi retirada após o Pr. Altomires da Cunha prevenir os presentes do “perigo de combater frontalmente os meios de comunicação devidamente reconhecidos pelo Governo” (DANIEL, 2004, p. 424). A preocupação se explica devido à conjuntura política do país, em plena ditadura militar, que utilizava a mídia televisiva como propaganda ufanista do regime e exercia censura previa sobre os meios de comunicação.

A convenção de 1975 sediada na cidade paulista, Santo André, se ocupou de oficializar as normas de usos e costumes a ser adotadas pelos assembleianos. O documento produzido ficou conhecido como resolução de Santo André.

A Resolução de Santo André é um marco importante na história da Assembleia de Deus no Brasil, com a oficialização de regras de condutas que já existiam de forma consuetudinária, propõe-se ao consenso, e a pôr uma pedra sobre questões polêmicas que volta e meia emergiam nos concílios pelo país. Aparentemente tem seu sucesso logrado. Quando tratamos da televisão esta pedra só seria convenientemente removida em 1999 no 5º Encontro de Líderes das Assembleias de Deus (ELAD) e de forma discreta colocada sobre os mesmos lugares com redações atualizadas.

Na Década de 1990, as disputas pela hegemonia do campo religioso brasileiro se acirram.⁴ O país experimentou um grande crescimento dos grupos protestantes, em grande

⁴ Outro arcabouço pelo qual desenvolve este trabalho é devido as contribuições do sociólogo francês Pierre Bourdieu e seus conceitos de Campo religioso e capital simbólico. Campo religioso entendido aqui como um espaço relativamente autônomo da sociedade onde se desenvolve um sistema de crenças e práticas e onde grupos disputam a hegemonia dos bens de salvação (BOURDIEU, 1974).

parte empurrados pelos neopentecostais, os que mais investiram na utilização de programas televisivos, com compra de redes e locações em emissoras seculares.

Em meio a esta disputa a Assembleia de Deus do Brasil se reúne para discutir a participação no projeto do Comitê Mundial das Assembleias de Deus, chamado Década da Colheita. Onde estabelecem metas e formas de ação para evangelização na década de 90. Um ponto em especial chama atenção, do programa de responsabilidades anunciados na Convenção de 1989, “2) iniciar o ano de 1990 com um grande trabalho de evangelização, utilizando-se de todos os meios: jornais, rádio, televisão, folhetos, praças, telefone, casa em casa, hospitais, etc. com o propósito de chegar ao ano 2000 com cerca de 50 milhões de membros” (DANIEL, 2004, p. 530).

No Conclave de 1990, reunidos na capital do estado de São Paulo, o plenário adéqua as metas do Comitê Mundial às normas da Igreja no Brasil. Onde se falava em utilização da televisão, no texto aprovado limita-se “uso da mídia; veículos com serviço de som nas ruas e praças; faixas e cartazes alusivos aos trabalhos evangelísticos” (DANIEL, 2004, p. 543). Mesmo ante a ambiciosa meta de crescimento da igreja para 50 milhões de fiéis a televisão é descartada como veículo de evangelismo.

A restrição ao uso da televisão só seria novamente abordada na Convenção de 1995 quando foi apresentado relatório atestando a dificuldade de cumprir as metas estabelecidas para a Década da Colheita. Houve uma tentativa de reavaliar a posição da Igreja quanto aos usos e costumes, no entanto isto só aconteceria com Resolução do 5º ELAD, que sob a discreta intenção de atualizar a linguagem utilizada na Resolução de Santo André dizia na norma “5) Mal uso dos meios de comunicação: televisão, internet, rádio, telefone (1CORÍNTIOS 6:12 e FILIPENSES 4:8)” (DANIEL, 2004, p. 579). Dissimulando assim a revisão feita quanto ao uso da televisão, agora liberada sob a égide de sua boa utilização.

Nesta década, as discussões sobre o tradicionalismo nos usos e costumes acirravam-se sendo considerado como principal motivo para a falta de crescimento da Igreja e insucesso da Década da Colheita. Aparte a legislação, membros e pastores da ala liberal assumiam suas posturas a caminho de minar esta configuração. As mais expressivas delas, a compra de uma rede de transmissão de televisão, a Rede Boas Novas, pela Assembleia de Deus de Manaus em 1993, e ao sucesso do programa Vitória em Cristo, chamado anteriormente de Impacto, do Pr. Silas Malafaia, filho do Pr. da Gilberto Malafaia (da velha guarda da Convenção) na Rede Bandeirantes.

Se a imprensa no século XVI fora símbolo do sucesso de propagação da mensagem protestante, o mesmo se pode inferir da televisão para os grupos pentecostais no final do

século XIX. Os grupos que antes rechaçavam seu uso hoje observam com atenção o crescimento dos que se utilizam destes meios para propagação de sua mensagem. Na disputa pelo campo religioso brasileiro o uso da televisão se mostra um instrumento primoroso a que nenhuma denominação quer se afastar, mesmo que para tanto seja necessário incorrer o risco de colocar em cheque a imagem que esta para si construiu.

Conclusão

As perspectivas que se abrem para os estudos ligados aos protestantismos no país são bastante promissoras e alimentam a esperança de dar conta do vasto universo que compreende o fenômeno religioso. Conforme assertiva da prof^ª. Elizete da Silva “o crescimento e a visibilidade dos diversos grupos protestantes de origem pentecostal e carismática tem despertado o interesse de sociólogos e antropólogos” (SILVA, 2009, p. 9).

Os estudos que estão nesse ínterim, numa quantidade considerável, visam analisar a relação mídia e religião: *Mídia, Religião e História Cultural* (BELLOTTI, 2004), *Evangélicos e Mídia no Brasil – Uma História de Acertos e Desacertos* (CAMPOS, 2008), *A Igreja eletrônica e seu impacto na América Latina* (ASSMANN, 1986), *Evangélicos e mídia no Brasil* (FONSECA, 2003), *Religião e mercado: A mídia empresarial-religiosa* (SANTANA, 2005), entre outros, que estão geralmente voltados aos neopentecostais, principalmente a IURD – Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Internacional da Graça de Deus e a Igreja Renascer em Cristo, os grupos mais poderosos em controle, aparelhagem e visibilidade na mídia televisiva brasileira.

Entre o material que coletei, observei uma exceção ao eco das produções sobre os neopentecostais, apenas um artigo, que tratava em similar o tema que proponho, *As representações da Igreja Assembleia de Deus sobre a televisão entre 1960 e 2000* (ROIZ; FONSECA, 2009). Esta publicação, no entanto, refere-se apenas as representações produzidas pela Convenção Geral das Assembleias de Deus, limitando-se a não tratar das práticas e apropriações dela surgidos.

A Assembleia de Deus no Brasil resguarda a imagem de igreja tradicional. Este tradicionalismo é evidenciado nos usos e costumes defendidos, como na construção das representações sobre a televisão. Em conversas prévias, com pastores, membros e ex-membros da Igreja, foram relatadas várias sanções impostas aos membros e obreiros que na década de 80 e 90 ousaram desobedecer às restrições impostas pela Resolução de Santo André. Assim como foi citado também a existência de cânticos, que estão presentes na liturgia

das reuniões, com a intenção de associar a televisão ao demônio. Afirmação confirmada pelo livro confessional do presbítero da Assembleia de Deus de Salvador, Ubiratan de Oliveira, quando este faz uma comparação do texto bíblico à televisão,

E vi subir da terra outra besta, e tinha dois chifres semelhante aos de um Cordeiro; e falava como o dragão. E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu a terra, a vista dos homens. E engana os que habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta, dizendo aos que habitam na terra que fizessem uma imagem à besta... (BÍBLIA SAGRADA apud SILVA, 2009, p. 69).

Na virada do milênio foi esboçada uma tentativa de que representações tão fortes fossem debeladas do seio da membra, à medida que a disputa pelos bens de salvação no campo religioso brasileiro se acirrava e se modernizava. Esta nova configuração ante aos meios de comunicação não poderia, porém, ameaçar a imagem de igreja tradicional, baluarte dos rudimentos da fé cristã, daí a prudência com que o assunto foi tratado.

Referências

ASSMANN, H. *A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina*. Petrópolis, Vozes, 1986.

ATOS. In: BÍBLIA SAGRADA. Tradução de J. F. Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1995. Capítulo 2, versículo 4.

BELLOTTI, K. K. Mídia, Religião e História Cultural. *REVER, Revista de Estudos da Religião*, n. 4, p. 96-115, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CAMPOS, L. S. Evangélicos e Mídia no Brasil – Uma História de Acertos e Desacertos. *REVER, Revista de Estudos da Religião*, p. 1-26, set./2008.

CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

FONSECA, A. B. *Evangélicos e mídia no Brasil*. Bragança Paulista: Universidade de São Francisco, 2003.

MATTOS, S. A. S. *História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política*. Petrópolis: Vozes, 2002.

ROIZ, D. da Silva; FONSECA, A. D. As representações da Igreja Assembleia de Deus sobre a televisão entre 1960 e 2000. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Ano II, n. 4, p. 185-205, maio/2009.

SANTANA, L. K. de A. Religião e mercado: a mídia empresarial-religiosa. *REVER – Revista de Estudos de Religião*, n. 1, p. 54-67, 2005.

SILVA, Cândido Costa. *Os Segadores e a Messe. O Clero oitocentista na Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2000.

SILVA, Elizete da. *O protestantismo brasileiro: aspectos teóricos e metodológicos*. Feira de Santana: UEFS; Salvador: UFBA, 2009.

SILVA, Ubiratan O. da. *Televisão: é benção ou maldição*. Salvador: Gráfica Lucas.